

Simpósio AT192

GRAMÁTICA MOVIMENTAL: uma proposta metafísica

ALONSO JÚNIOR, Clóvis Luiz
Universidade de São Paulo
alonso.junior@usp.br

Resumo: Sintomaticamente dedicado à linguagem, o tomo primeiro de *A filosofia das formas simbólicas*, de Ernst Cassirer, é epigrafado com a proposição “o homem é um ser simbólico” e contém denso capítulo que perscruta a influência do espaço na confecção da Língua. Aí me amparo para desenvolver teoria segundo a qual a percepção e a incorporação do espaço físico e dos movimentos nele realizados pelo homem são precisamente constitutivas do material linguístico. Proponho que aqueles movimentos — movimento de *lugar de onde*, movimento de *lugar para onde*, movimento de *lugar por onde* e movimento de *lugar onde* (*ex opposito*, não-movimento) — sejam como que mimetizados pelo “ser simbólico” que é o homem na formulação da instância simbólico-representativa que é a Língua, cujo caldo lexical e cujas construções morfossintáticas são forjados na matriz que denomino metáfora do espaço e do movimento. Por meio de reflexão que tanto pretendo rigorosa quanto reconheço inortodoxa, tenciono demonstrar, em amplo espectro da Língua, o rendimento da atuação metafórica, em que o caráter físico-concreto da motivação espacial-movimental permanece na abstratização, própria da metáfora: certa apreciação arqueológica da Língua permite observar a permanência daquela motivação primeva ainda em significados altamente abstratizados da palavra, bem como, em pé de igualdade, permite verificar nas construções morfossintáticas a manutenção do que proponho como ontogênese metafórica.

Palavras-chave: Gramática; Filosofia; espaço; movimento; metáfora.

Abstract: Symptomatically dedicated to language, the first tome of Ernst Cassirer's *Philosophy of Symbolic Forms* is epigraphized with the proposition "man is a symbolic being" and contains a dense chapter that examines the influence of space in the making of Language. I am here to develop a theory according to which the perception and incorporation of physical space and the movements in it are precisely constitutive of linguistic material. I propose that those movements — movement of *place from where*, movement of *place to where*, movement of *place through where* and movement of *place where* (*ex opposito*, non-movement) — are as if mimicked by the "symbolic being", which is man himself, in the formulation of the symbolic-representative instance that is Language, whose lexical broth and whose morphosyntactic constructions are forged in the matrix that I call the metaphor of space and movement. By means of a reflection that I aspire to be as rigorously as it can be, whereas I recognize to be an inorthodox one, I intend to demonstrate, in a broad spectrum of the Language, the productivity of the metaphorical performance, in which the

physical-concrete character of spatial-movemental motivation remains in the abstraction, proper to the metaphor: a certain archaeological appreciation of Language allows us to observe the permanence of that primeval motivation still in highly abstracted meanings of the word, as well as, on an equal footing, allows us to verify in the morphosyntactic constructions the maintenance of what I propose as metaphorical ontogenesis.

Keywords: Grammar; Philosophy; Space; Movement; Metaphor.

É presente nos mais variados discursos gramaticais a percepção da influência do espaço sobre a Língua, haja vista a cunhagem de expressões metalinguísticas suficientemente reveladoras daquela percepção. Em formulações como

vou a Roma

e

venho de Paris,

a pacificidade de que haja aí referência a espaço físico e a algum movimento nele realizado é decerto assegurada já pela presença de topônimo e pelo uso do que, muito pacificamente, é denominado *verbo de movimento*; sem exigência de esforço interpretativo, à função desempenhada pelos sintagmas preposicionados atende a tradicional metalinguagem *complemento* — que aí se deve preferir a *adjunto* — *adverbial de lugar, ora lugar para onde, ora lugar de onde*, nome da função sintática que se põe em franca correspondência com o que se percebe como inequívoca referência a espaço. Se se têm formulações como

vou até lá

e

venho de lá,

sobre a vaguidão representada pelo isolamento analítico-morfológico da palavra *lá*, o contexto frásico parece trazer ao espírito o nome e a especificidade do nome da classe morfológica *advérbio de lugar*, o que também parece inequívoco, mas determinado contexto situacional — expressão que então se vê não redundante

— pode impor a referência a tempo: o fato de a mesma palavra poder referir-se tanto a espaço quanto a tempo sugere, pela via da representação linguística, a associação que não raro se estabelece entre uma ideia e a outra, na possível chave de que uma ideia se estenda à outra, a se desdobrar uma na outra, a se estender “espaço” a “tempo”, a se desdobrar “tempo” de “espaço”, precisamente por via da metáfora.

“(…) Assim como a fronteira [*sic*] entre os sons naturais e afetivos essencialmente sensíveis e as palavras mais simples referentes ao espaço se apresenta como algo inteiramente fluido, da mesma forma evidencia-se a mesma transição contínua e imperceptível entre a esfera lingüística que abrange as determinações espaciais e a que compreende as determinações temporais. Até mesmo em nossas línguas cultas modernas, ambas ainda constituem freqüentemente uma unidade intacta, sendo comum que **uma e a mesma palavra sirva para expressar relações espaciais e [relações] temporais** [o negrito é meu]. Exemplos ainda mais numerosos que comprovam esta [*sic*] interdependência encontram-se nas línguas dos povos primitivos, que, em muitos casos, parecem não dispor de outro meio, além deste, para expressar a representação do tempo. **Os simples advérbios de lugar são empregados indistintamente também em sentido temporal, de sorte que por exemplo a palavra que designa o ‘aqui’ se funde com o termo que indica o ‘agora’, assim como a designação do ‘lá’ coincide com a de ‘antes’ ou ‘depois’** [o negrito é meu] (...). Procurou-se explicar o fato, argumentando que, objetivamente, a proximidade ou distância espacial e [a] temporal se condicionam mutuamente; que aquilo que ocorre em regiões distantes no espaço habitualmente também constitui algo passado e remoto, do ponto de vista temporal, quando se fala do ocorrido. Ao que tudo indica, porém, aqui não se trata primordialmente de correlações reais e objetivas desta [*sic*] espécie, e sim de correlações de ordem puramente ideal — trata-se de um nível de consciência ainda relativamente indiferenciado e ainda insensível às diferenças específicas das formas de espaço e [de] tempo como tais. **Até mesmo relações temporais relativamente complexas, para as quais as línguas cultas desenvolvidas criaram expressões específicas, também são freqüentemente designadas, nas línguas dos povos primitivos, pelos mais rudimentares meios de expressão indicativos do espaço** [o negrito é meu] [As línguas do Sudão, geralmente, expressam o fato de que um sujeito está *envolvido* em uma ação por intermédio de uma estrutura que, a rigor, significa que ele se encontra *no interior* desta [*sic*] ação. Mas [*sic*]_[i] como também este [*sic*] ‘interior’ na maioria das vezes é designado de modo inteiramente material, resultam formulações como ‘eu sou o interior do andar’, ‘eu sou a barriga do andar’, para indicar ‘eu estou andando’. (...)]¹.

Enquanto persistir este [*sic*] vínculo material, a peculiaridade da forma verbal, como tal, não pode se [*sic*] manifestar de maneira pura na linguagem. Até mesmo as relações estruturais do tempo

¹ Nota da citação.

transformam-se agora, involuntariamente, em relações espaciais. Para o ‘aqui’ e para o ‘lá’ no espaço existe apenas uma simples relação de distância; trata-se, aqui, simplesmente do afastamento, da separação de dois pontos no espaço, enquanto na passagem de um para o outro, em geral, inexistente a preferência por uma direção. Como momentos do espaço, ambos os pontos possuem [sic] a ‘possibilidade da coexistência’ e, por assim dizer, resistem um ao outro; mediante um simples movimento, o ‘lá’ pode transformar-se em um ‘aqui’, e o ‘aqui’, ao deixar de sê-lo, pode voltar à sua forma anterior através [sic] do movimento inverso. Mas [sic] o tempo, ao contrário, além da separação e do distanciamento recíproco de seus diversos elementos, mostra um [sic] determinado ‘sentido’ peculiar e irreversível no qual transcorre. A direção do passado para o futuro ou do futuro para o passado constitui algo próprio, inconfundível. Onde, porém, **a consciência ainda permanece preferencialmente no âmbito da intuição espacial e capta as determinações temporais somente na medida em que pode apreendê-las e designá-las por meio de analogias espaciais** [o negrito é meu] — neste caso, necessariamente, também esta [sic] peculiaridade das orientações temporais permanecerá inicialmente obscura. Tal como no espaço, também aqui tudo se reduz à simples distinção entre distância e proximidade. (...)” (CASSIRER, 2001, p. 238-41.)

Visto de perto, o trecho de Cassirer parece guardar incoerência entre o segmento “Até mesmo as relações estruturais do tempo transformam-se (...), involuntariamente, em relações espaciais.” (p. 240), que dá a entender que se confira primazia ao tempo, e a proposição geral, sobremaneira explícita nos segmentos que negritei, segundo a qual a presunção temporal se dê como desdobramento da espacial, entendimento que, acorde com o pensamento cassireriano, largamente se impõe quando se lê o *transformar-se das relações estruturais do tempo em relações espaciais* como um transformar-se analítico, estabelecido pela análise, no momento da análise. Ora, em prescindência de conceber e conceder que o tempo seja metáfora do espaço, imprimir “sentido temporal” a material linguístico de matriz espacial é precisamente um movimento metafórico, que se dá na confecção mesma da Língua, em que a *localização* espacial se transfere para a “localização temporal”, segundo a imagística que se faz do tempo como uma linha *situada* no espaço. Esse movimento, co-presente na gênese da própria “linguagem” (CASSIRER, 2001, p. 240), constitutivo da noção discursivamente indefinível mas culturalmente imprescindível que é o tempo, é o movimento que propugno como constitutivo mesmo da Língua, *entidade*, então, de *onto-gênese* metafórica, formulada (e sempre em formulação) por desdobramento metafórico.

A bem do que centralmente me interessa aqui, proponho o risco de reduzir toda essa discussão a caráter de irrelevância submetendo-a ao seguinte argumento: entender temporalmente *lá* em

vou até lá

ou em

venho de lá

não o faz menos espacial do que quando entendido “espacialmente”, se se admite que “aquele momento” *lá* é o **lugar no tempo** ao qual vou ou do qual venho, assim como a construção representada pela expressão idiomática *ir à forra*, em

João foi à forra,

não é menos espacial do que *a Roma* em

vou a Roma,

uma vez que a forra é o lugar abstratizado aonde se vai, bem como a construção representada pela expressão idiomática *morrer de fome* — que, no mundo em que vivemos, pode não ser metafórica —, em

João morreu de fome,

não é menos espacial do que *de Paris*, em

venho de Paris,

se se percebe que a fome é o lugar do qual provém a morte — metafórica ou não —, dado que é *causa mortis* — metaforicamente ou não —, sendo a causa o lugar do qual provém a consequência. Entender temporalmente um “advérbio de lugar” não é, pois, acidente histórico, contingência de prestar-se a Língua à historicidade ocorrencial; bem longe disso, é fenômeno que se efetiva historicamente **porque**, no interior da Língua e, antes, em sua própria formação, é, segundo o que proponho, **inspirado pela potência metafórico-geradora**. A

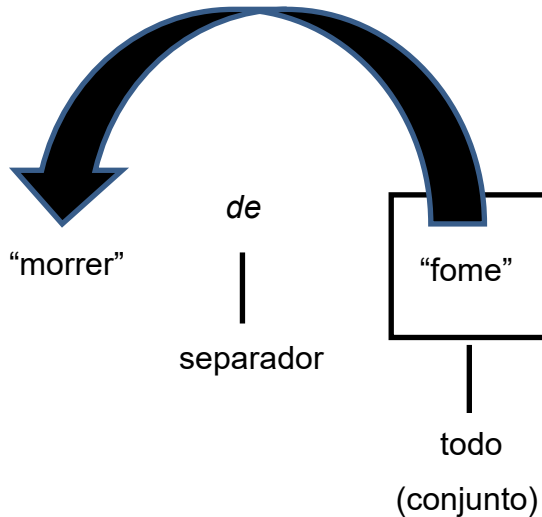
extensão — metafórica — da ideia de lugar, de espaço físico, para a ideia de tempo é catalisada pela ideia de movimento, pela percepção do deslocamento que se realiza fisicamente no espaço e metaforicamente no tempo, inspiração físico-concretiva que se abstratiza, já que é metáfora, e, em pé de igualdade, se mantém, posto que há mudança, o mesmo a valer para a extensão — metafórica — da ideia de lugar físico para outras determinações abstrativas: a ideia de *lugar para onde* que há em *vou a Roma* e em *vou até lá*—“lugar” metaforiza-se e, igualmente, mantém-se em *vou até lá*—“tempo” e em *João foi à forra*; a ideia de *lugar de onde* que há em *venho de Paris* e em *venho de lá*—“lugar” metaforiza-se e, igualmente, mantém-se em *venho de lá*—“tempo” e em *João morreu de fome*. A gestualidade movimental realizada pelo peregrino homem sobre o espaço físico do mundo, uma vez percebida e incorporada, é mimetizada na e para a confecção da Língua, que é, pois, geneticamente metafórica, porquanto, segundo o que propugno, aquela gestualidade a confecciona imagetivamente.

A metaforicidade da Língua amplamente lhe implica uma natureza semântica extensiva às construções morfossintáticas: a imagem metafórico-movimental é atribuidora de uma “semântica movimental”, que certo olhar arqueologizante faz perceber no caldo do léxico e nas construções morfossintáticas. Aí se está em ponto que ultrapassa aquela percepção geral da influência do espaço sobre a Língua, ora no sentido da proposição de uma semântica da construção, uma semântica da estrutura: a semântica que proponho a bem da intelecção ontogênica da construção

João morreu de fome

é uma semântica de origem, indiciada pelo movimento de separação que, **metaforicamente**, o comportamento de morrer, representado pelo verbo homônimo, realiza a partir de certa *substância*, em sentido não propriamente aristotélico, para mim equivalente perfeito da imagem de **lugar**, o lugar “fome”, representado pelo *substantivo* homônimo; do lugar “fome” se separa, afasta-se, origina-se o comportamento de morrer, incidindo o movimento sobre esse comportamento a partir do **lugar** “fome”, que proponho como certo *frame* do qual teoricamente podem derivar infinitos elementos; um elemento que pode derivar de todo o conjunto que se possa conceber como “fome” é o comportamento de

morrer, bem como a consequência deriva de sua própria causa, e, ausentes os casos das línguas sintéticas, o que indicia o movimento é a assim chamada “preposição”:



É na “preposição” que está inscrita a metáfora do movimento: movimento de separação, a partir de *lugar de onde*, representável por *de*; movimento de aproximação, rumo a *lugar para onde*, representável por *a / para*; movimento de perambulação por *lugar por onde*, representável por *por*; “movimento de estatismo”, *lugar onde*, não-movimento *ex opposito*², representável por *em*. Ora, a “preposição” pretensamente reduzida ao assim chamado “prefixo” — ambas as categorias representantes do que estritamente é a mesma entidade — faz operar-se a mesma semanticidade metafórica no nível lexical, asserção para cujo exemplário sintomaticamente posso escolher palavras presentes neste texto, acompanhadas de seu entorno morfossintático, elas mesmas e o entorno sendo estruturas-construções inspiradas pela mesma metaforicidade:

- “É na ‘preposição’ que está inscrita a metáfora do movimento”, em que a “preposição” *em* (< *in*), do sintagma *na preposição*, está “prevista” no “prefixo” do particípio *in-scri(p)t-a*, configurando-se, pela coerência da redundância, “regência” (verbo-)nominal — *in-screver em* — inspirada pela imagem de *lugar onde*, lugar *em* que algo está gravado, *in-scri(p* [imperfeito *scrib-*])*t-o*, como que *in-crust-a-d-o*;

² “(...) Repouso é um gênero do movimento; só o móvel pode repousar. (...)” (HEIDEGGER, 2008, p. 259.) Veja-se o desenvolvimento da ideia ao longo do artigo “A essência e o conceito da Φύσις em Aristóteles — Física B, 1”, de Heidegger (2008).

- “o caráter físico-concreto da motivação espacial-movimental permanece na abstratização”, em que o “prefixo” *per-* (< latim arcaico **per(i)*, sintomaticamente antigo **locativo**), da forma verbal *per-man-e(s)c-e*, sugere a ideia de “*per-ambulação por*”, *lugar por onde*, que se pode interpretar como o espaço ao longo do qual algo permanece, sem contradição com a ideia de *lugar onde*, o espaço *em* que algo permanece, o espaço *em* que algo está, configurando-se, coerentemente, a “regência” verbal *permanecer em*, de inspiração físico-concretiva que não se oblitera na abstratização, o que possibilita a própria formulação *permanecer na abstratização*;
- “imprimir ‘sentido temporal’ a material linguístico de matriz espacial é precisamente um movimento metafórico”, em que o “prefixo” *im-* (< *in-*, “prefixo”, < *in*, “preposição”), de *im*(< *in-*)-*prim*(< *prem-*)-*i-r*, sugere a ideia do *lugar onde* algo se imprime sem afastar a imagem do movimento de *ad*-proximação daquilo que se aproxima àquilo *a* que se aproxima para lá se imprimir, *lugar para onde*, resultando *imprimir algo a* (< *ad*), a par de *im-primir algo em* (< *in*), ambas as “regências” igualmente “abonadas”, porque ambas providas, **como construções, como estruturas**, daquilo que então denomino **semântica da construção, semântica da estrutura**;
- “a consequência deriva de sua própria causa”, em que, uma vez mais, a coerente redundância da “previsão” da “preposição” no “prefixo”, em *de-riv-a-r* x (quer sujeito, quer objeto) *de* y, imagem de separação, de afastamento, de origem, indicia o rendimento da metáfora de cunho físico-concretivo, espaço-movimental, que, acolhedora da abstratização própria das especializações culturais, permanece em “novos significados” da mesma palavra, permanece na estrutura, constitui a Língua.

Referências

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. ed. bilíngue. Introdução, tradução do Grego para o Italiano e comentários: Giovanni Reale. Tradução do Italiano para o Português: Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2001.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas: a linguagem*. Tradução: Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Tópicos.)
- HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução: Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008.